

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações

| | |
|---|---------|
| Annuncios, cada linha, typo commum. | 20 réis |
| Communicados. | 60 » |
| Reclamos | 100 » |
| Artigos. | 200 » |

Assignaturas

| | |
|--|----------|
| Lisboa, série de 12 numeros | 300 réis |
| Provincias, séries de 24 numeros | 600 » |
| Numero avulso | 50 » |
| Paizes da união postal, 24 numeros | 1.000 » |

Quinta feira 7 de janeiro de 1897

RESUMO

Visconde de Ouguella. — Atiradores premiados. — Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso. — Gymnastica e esgrima, por J. J. DA SILVA. — A proposito do projecto de lei sobre caça, por NEMROD. — Carreira de tiro. — O alce, por FULBERT-DUMONTEIL. — Caçadas ás lebrés em barco, por NEMROD. — Duas palavras, por J. P.

Visconde de Ouguella

QUANDO em março de 1895 encetavamos a publicação d'este semanario e inseriamos no primeiro numero, sob a epigrapha *A guerra*, um bello artigo firmado pelo Visconde de Ouguella, não acreditaríamos que tão cedo o veríamos desapparecer no tumulo deixando-nos, a nós que eramos seus amigos, a saudade de o haver perdido, ás letras patrias de que era cultor distincto, uma lacuna difficil de preencher n'estes tempos em que os termos afrancezados invadiram tudo.

Carlos Ramiro Coutinho, Visconde de Ouguella, era um talento privilegiado.

Fidalgo, como poucos, tinha na affabilidade do trato, na amabilidade da phrase, no insinuante da physionomia, as mais singulares qualidades de democrata que facilmente conquista sympathias e domina multidões.

Orador fluente distinguio-se no parlamento de que fez parte e onde luctou com o seu verbo eloquente ao lado de José Estevam Coelho de Magalhães, e tantos outros gigantes da palavra, pleiade desaparecida hoje, sem que o brilho dos seus discursos fosse empanado pelos que o rodeavam. No fóro, na defeza de causas celebres, distinguio-se principalmente pela logica da argumentação, pela maneira porque combateu a pena de morte quando esse artigo do codigo penal manchava ainda a nossa legislação.

Como escriptor era primoroso, vernaculo como poucos, e Camillo Castello Branco, Latino Coelho, Alexandre Herculanio, Ribeiro da Silva, Osorio de Vasconcellos, Teixeira de Vasconcellos, e muitos outros, tinham pelo Visconde de Ouguella, o respeito e a admiração que lhes merecia um dos mais notaveis escriptores d'uma epoca em que fulguravam tantos talentos.

Tinha 67 annos, era robusto e apenas os cabellos brancos denunciavam que não era uma creança, tão fresca era a physionomia, tão jovial o sorriso, tão facil o gesto e o andar.

O Visconde de Ouguella deixa dispersos muitos artigos na imprensa periodica, varias publicações avulsas, todas ellas notaveis na forma e conceituosas na essencia.

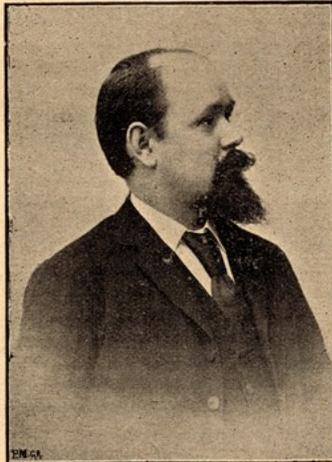
No *Tiro Civil* dois artigos, *A guerra* publicado no 1.º numero em 7 de março de 1895 e *As collectividades*, inserto em o n.º 7 de 18 d'abril de 1895, provam o seu valor e as suas extraordinarias aptidões.

Ao amigo que desappareceu para sempre, saudade eterna; ao vulto proeminente que o paiz perdeu a homenagem e o respeito que lhe são devidos.

Atiradores premiados

Concurso annual de tiro em 28 de junho de 1896

7.º PREMIADO



Alexandre Leuzinger

Nasceu em 19 de fevereiro de 1865 na aldeia de Netstal, cantão de Glaris (Suíça). Veio para Lisboa em 1886, tendo-se conservado aqui até hoje como empregado no commercio. Pertence ao *Grupo Suíço*.

No 1.º concurso official de tiro em 6 e 7 de janeiro de 1894 foi classificado em 30.º lugar no 2.º turno do 2.º grupo; no 2.º concurso em 29 de junho de 1894 foi classificado em 37.º lugar do 1.º grupo; no 3.º concurso official em 19 de junho de 1895 foi classificado em 42.º lugar no 1.º grupo, em 1.º lugar no 2.º grupo e em 16.º lugar no 3.º grupo, obtendo o premio da carreira, medalha de prata; no 2.º concurso da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes em 10 de novembro de 1895 foi classificado em 30.º lugar.

A percentagem média d'este atirador no anno de 1895 foi a seguinte: No alvo a 300^m—74,4%; a 400^m—62%; a 600^m—60%; no tiro especial (figura de joelhos) 51,5%. Durante o anno de 1895 foi 29 vezes á carreira.

O sr. Alexandre Leuzinger é collaborador do nosso jornal e representou-o no concurso federal de tiro de Winterthur em 1895 e a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Extracto da sessão de 5 do corrente

PRESENTES OS SRS. dr. Paulo Cancelli e José de Sousa, presidente e 1.º secretario da mesa da assembléa geral; A. de Sousa, presidente; Wasa de Andrade, dr. Anachoreta, secretario; Fontes e Dias Guilhermino vogaes da nova direcção. J. P. Fernandes e Ignacio Carneiro, do conselho fiscal; José Antonio Coimbra e Alfredo Cartaxo, respectivamente thesourciro e vogal da direcção transacta.

Aberta a sessão ás 9 horas da noute foi lido um officio do sr. José Placido Felix da Silva pedindo a sua demissão de socio.

O sr. Coimbra prestou contas ao sr. A. de Sousa, que estava para isso auctorisado pelo sr. dr. Kort, que não poudo comparecer por motivo justificado. O saldo em caixa é de 60\$695 réis.

O sr. Dias Guilhermino perguntou se as propostas para admissão de socios eram approvadas na mesma sessão em que fossem apresentadas sendo de parecer que assim devia ser.

O sr. Fontes usou da palavra manifestando-se no mesmo sentido.

O sr. dr. Paulo Cancelli mostrou os inconvenientes de tal precipitação, o sr. A. de Sousa indicou factos passados n'uma outra Associação de que faz parte e que completamente provaram a necessidade de haver um praso entre a apresentação e a approvação dos socios, e o sr. dr. Anachoreta lembrou que esse é o uso em quasi todos os clubs e associações; ficou estabelecido que o nome dos individuos apresentados n'uma sessão será exposto n'um quadro nas salas da Associação para ser approvada a sua admissão como socio na sessão seguinte caso não haja qualquer reclamação.

Deliberou-se que as reuniões da direcção se effectuem ás terças feiras ás 9 horas da noute.

O sr. presidente propoz que na proxima sessão se trate definitivamente do beneficio a favor da Associação.

GYMNASTICA E ESGRIMA

Meus amigos:

O benevolo acolhimento feito á minha carta dá-me a necessaria audacia para proseguir e teimar em fallar-lhes n'um assumpto que me deve as maiores sympathias.

No requerimento feito aos poderes do Estado pelos directores dos collegios pediu-se que nos regulamentos escolares fosse considerado como obrigatorio o ensino da gymnastica e da esgrima e, como disse na minha carta anterior, seria um grande melhoramento a introduzir na educação da mocidade.

Permittam-me, porém, que supponha que o deferimento do pedido será difficil e talvez não chegue nunca a ter despacho, quando deveria, segundo penso, ser immediatamente attendido.

Entre nós porém, quasi nunca se dá andamento ás cousas uteis e pensa-se mais em futilidades do que n'outra cousa.

Deixemos, pois, os poderes publicos pensar e meditar longamente sobre o caso, dormir sobre elle, como vulgarmente se diz, e vamos, nós particulares, pôr em pratica o pensamento tão claro e tão precisamente exposto no requerimento em questão.

Foram 19 os signatarios do pedido, dos quaes 18 são directores de collegios com frequencia bastante, alguns até grande. Não são ainda todos os que podiam e, me parece, deviam ter assignado, mas são já sufficientes para encetarem uma propaganda tenaz e insistente em favor da educação physica.

Sei que, como todas as idéas novas, ha de encontrar attrictos e difficuldades grandes, mas não vejo que por isso haja motivo para se limitarem ao pedido e ficar serena e descuidosamente á espera dos acontecimentos.

Os directores dos collegios devem estabelecer desde já nos seus estabelecimentos as aulas de gymnastica e de esgrima, convidar os paes de todos os alumnos a assistir ás lições para que se convençam *de visu* que não ha perigo, nem inconveniente n'esses exercicios, e que os seus filhos teem tudo a ganhar com o desenvolvimento physico; mais ainda, não deverão augmentar, por qualquer forma que seja, as mensalidades actuaes favorecendo por este modo a concorrência que, a pouco e pouco, irá augmentando. Estará d'esta maneira estabelecida a propaganda pelo facto e, quando passados mezes, se fizer a comparação do desenvolvimento dos alumnos, antes e depois da gymnastica e da esgrima, e se reconhecer que heuve toda a vantagem nos exercicios corporaes, a evidencia forçará os mais teimosos e os mais renitentes a confessar que estavam illudidos quando, se aferravam ao principio de que não havia necessidade para as creanças de educar os musculos, como educam os cerebros.

Mas quererão, os srs. directores de collegios fazer os sacrificios indispensaveis para o estabelecimento definitivo das aulas de gymnastica e de esgrima?

Não podemos, por enquanto, responder.

Em alguns collegios estão ellas organisadas de ha muito e os resultados, se não tem tido toda a publicidade que conviria dar-lhes, é isso devido á falta da conveniente estatística e aos trabalhos que devem acompanhar-a e que muito bem foram apresentados pelo sr. F. M. n'um artigo que sob a epigraphé *Serviço militar* foi publicado em o n.º 88 do *Tiro Civil*, de 5 de novembro proximo passado.

N'esse artigo trata-se da escola de reservistas do regimento de infantaria 23 e abtemo-nos de transcrever alguns dos periodos d'esse artigo, muito conceituosos, e sobretudo muito concludentes, por ser facil aos leitores reler o que então escreveria o sr. F. M.

Nos collegios é necessario proceder do mesmo modo. Antes de começarem os trabalhos de gymnastica e de esgrima devem ser pesadas e medidas as creanças, registando-se todas as indicações physicas relativas a esses alumnos e ao findar o anno escolar repetir-se-lão essas operações para que se tome boa nota das differenças.

Atrevo-me a suppor que os resultados serão magnificos, muito bons para se lhes dar larga publicidade e orientar os paes no sentido de reconhecerem como util a educação physica.

Atrevo-me ainda a pensar que, os meus amigos, darão cabimento nas columnas do seu patriotico e excellente semanario a essas estatísticas que prestarão á causa que defendo serviço assignalado.

Portanto eu convengo-me de que, o requerimento feito e entregue no ministerio do reino, representa apenas uma tentativa, que pode ser infructifera, ou pelo menos extremamente demorada e por consequencia não basta; é indispensavel acompanhal-o com a parte pratica e essa, se não partir da iniciativa particular, se não tiver pelo seu lado a boa vontade, o sacrificio, a lucta de todos os dias d'aquelles que assignaram o requerimento convencidos de que prestavam á mocidade um bom serviço, tarde ou nunca se verá realisada.

A opinião publica ainda é uma força, embora um tanto avariada pelo desnortamento em que tem andado, mas se for convenientemente guiada e sobretudo se estiver inclinada em favor d'uma boa causa, ha de ser ouvida e attendida. Mas a opinião publica excita-se com factos concludentes, com argumentos solidos e indestructiveis e não apenas com requerimentos que podem considerar-se como um inicio, um primeiro passo, uma tentativa e nada mais.

Desculpem-me, meus amigos, a franqueza dos meus considerandos, desculpem-me ainda os leitores a massada das minhas observações, mas sinto-me deveras dolorido quando vejo passar o tempo sem darmos ás creanças as forças de que precisam e lhes faltam, e hão de ser necessarias se quizermos avigorar as futuras gerações.

No exercicio das armas residia a principal força d'esses heroicos batalhadores da idade média e ainda dos principios da epoca moderna; e quando esses exercicios decahiram para apenas se d'irem ás luctas inglorias e perigosas da politica de campanario, atrophiou-se o braço e com elle o cerebro, o espirito que nos deixa entibiados e nos torna pusillimines.

Regeneremo-nos, pois; trabalhemos por dar ainda exemplos de energia e de audacia, habilitemo-nos, ao menos, a defender e a conservar o que de direito nos pertence.

Janeiro de 1897.

J. J. DA SILVA.

A proposito do projecto de lei sobre caça

(Continuação do n.º 96)

ART. 38 n.º 1 — Segundo as considerações por mim já expostas, este numero deve ser supprimido.

Esta lei deve tratar de caça e não de porte d'arma.

Para o crime de porte d'arma lá está o Cod. Pen. com o art. 253.

Art. 39 — Parece-me que adiante da palavra *«duplicadas»* se deverá acrescentar *«e será privado de licença de caçar por tempo não inferior a dois annos»*.

E' esta tambem a disposição da citada lei franceza no art. 18, que me parece aceitavel.

Art. 40 — Não comprehendendo bem o que se dispõe n'este artigo.

Não comprehendendo como é que estabelecendo o art. a pena fixa de 1\$000 réis de multa e a de 15 dias de prisão, o julgador possa applicar maior pena.

Parece-me que o art. pôde ser substituido pelo seguinte: *No caso de 3.ª ou mais reincidencias dos crimes punidos pelos arts. 37 ou 38 a pena será a de prisão correccional até 30 dias e de multa correspondente, nunca inferior a 1\$000 réis por dia com privação de licença para caçar por tempo não inferior a dois annos nem superior a cinco.*

O citado art. da lei franceza estabelece para este caso a privação da licença para caçar, o que acho justissimo.

Art. 42 — Adeante das palavras *«governos civis»* deyerá acrescentar *«ou de registo criminal»* porque d'este devem constar todos os julgamentos criminaes.

Quando se deve considerar como tendo havido reincidencia?

O Cod. Pen. no art. 35 leva reincidencia até á condemnação de 8 annos. A citada lei franceza só a leva a 12 mezes.

Aquella disposição parece-me demasiadamente longa e esta demasiadamente curta.

Eu limitaria a reincidencia a dois annos e por isso acrescentaria ao art. 42 mais o seguinte paragrapho: § *A reincidencia dá-se quando o agente tendo sido condemnado por crime previsto na presente lei, commetter outro, tambem por ella punido, antes de terem passado dois annos desde a dita condemnação.*

Art. 42 § unico — Este paragrapho deverá constituir antes um artigo e ser incerto n'um capitulo especial de *Disposições geraes.*

Art. 43. — Não me parece boa a redacção do artigo.

Se ha culpa formada é porque foi testemunhada.

Da doutrina do artigo parece concluir-se, visto fallar em culpa formada, que o desleixo é considerado um crime e que por causa d'elle deve intentar-se processo criminal contra o desleixado.

Ora o desleixo ou falta de zelo poderá estar sujeito a pena disciplinar e pode a omissão em muitos casos ser considerada como tal, mas não me parece que se possa intentar processo criminal por desleixo.

Deverá ser redigido o artigo por outra fórma.

Art. 45 — Deverá ser illiminado porque a sua doutrina está comprehendida nas proposta que faço de um § unico para o art. 32.

Art. 46 — E' a disposição do art. 388 do Cod. Civ. e parece-me ter melhor cabimento no capitulo 1.º da presente lei.

Art. 47 — Parece-me que a cumplicidade é levada muito longe.

O Cod. Pen. no art. 22 diz o que são cumplices.

Não me parece necessario alterar a doutrina do Cod. Pen. e por isso proporia a suppressão d'este artigo.

Art. 48 — Parece-me desnecessario este art.

As armadilhas são instrumentos do crime e por isso devem ser apprehendidas quando forem encontradas.

Art. 48 § unico — Segundo as considerações que tenho feito, é desnecessario este §.

Se o delinquente tem licenças de porte d'arma, é claro que lhe não pode ser apprehendida.

Art. 50 § unico — Nas observações que fiz ao art. 32 disse que me não parecia dever fazer-se a excepção preceituada n'este paragrapho.

Todas as multas ou devem ter a applicação preceituada no art. 50 ou a preceituada nos arts. citados no seu § unico.

Art.º 51 — Parece-me que deverá dar-se a este artigo a seguinte redacção: *Os*

paes, tutores ou amos ãos responsaveis civilmente pelo pagamento da indemnisação de damnos, multas e custas do processo, impostas ou provenientes de actos praticados em infracção da presente lei pelos filhos menores, pelos tutelados ou pelos creados.

(Continúa).

NEMROD.

OS LOBOS

Do nosso estimado collega *O Campeão de Portalegre*, transcrevemos a seguinte noticia:

Na batida que se realisou ha dias, promovida pelo nosso exm.^o amigo Pedro Silveira, foi morto pelo exm.^o sr. Alfredo Robinson um corpulento lobo.

Alguns outros caçadores mataram raposas que appareceram em grande numero nas propriedades do sr. Silveira, onde se effectou a batida.

A ella assistiram perto de 50 pessoas entrando n'este numero os nossos amigos visconde do Reguengo (Jorge), Joaquim d'Avillez, Eduardo Lobo, João Pereira Jardim, etc.

A mesma troupe tenciona voltar esta semana a nova batida nas mesmas propriedades.

No Gavião, dois lobos assaltaram um rebanho do proprietario sr. José Maria Ayres de Seixas, sendo repellidos e perseguidos pelos cães de guarda.

Quando fugiram as duas feras, saltaram para uma horta, caindo dentro d'um poço, que foi rodeado por cães.

Entretanto veio o pastor e outro homem, que mataram os lobos á paulada e á pedrada.

Um dos animaes pesa 40 kilogrammas, tem 1^m.50 de comprimento e o outro pesa 35 kilogrammas e tem 1^m.45.

CARREIRA DE TIRO

No domingo 27 de dezembro, dispararam-se 680 tiros com os seguintes resultados:

| | Disp. | Acert. |
|--|-------|--------|
| Alvo a 100 ^m , normal..... | 30 | 19 |
| > > 200 ^m , fig. de joelhos.... | 140 | 49 |
| > > 300 ^m , circular..... | 150 | 63 |
| > > 300 ^m , normal..... | 240 | 127 |
| > > 400 ^m , normal..... | 120 | 69 |
| Total.... | 680 | 327 |

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 160 tiros com o seguinte resultado:

| | Disp. | Acert. |
|--|-------|--------|
| Alvo a 100 ^m normal..... | 10 | 9 |
| > > 200 ^m fig. de joelhos.... | 20 | 12 |
| > > 300 ^m circular..... | 40 | 25 |
| > > 300 ^m normal..... | 40 | 27 |
| > > 400 ^m normal..... | 50 | 32 |
| Total... 160 | | 105 |

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta Associação fizeram 120 tiros com o seguinte resultado:

| | Disp. | Acert. |
|---|-------|--------|
| Alvo a 200 ^m , fig. de joelhos.... | 30 | 8 |
| > > 300 ^m circular..... | 20 | 11 |
| > > 300 ^m normal..... | 40 | 8 |
| > > 400 ^m , normal..... | 30 | 15 |
| Total... 120 | | 42 |

Nos atiradores d'esta associação vae incluido o sr. Gil Portocarrero, que tambem é socio da primeira associação, e que fez 50 tiros, empregando 18 balas:

O sr. Heitor Ferreira, do grupo *Patria*, empregou uma serie completa de 10 tiros no alvo a 400^m. O sr. Kesselring, do grupo *Suisso*, no mesmo alvo empregou 9 balas em 10 tiros, e uma serie completa de 10 tiros no alvo normal a 300^m.

No domingo 3 do corrente, dispararam-se 550 tiros com o seguinte resultado:

| | Disp. | Acert. |
|--|-------|--------|
| Alvo a 100 ^m , normal..... | 40 | 21 |
| > > 200 ^m , fig. de joelhos.... | 140 | 54 |
| > > 300 ^m , circular..... | 120 | 55 |
| > > 300 ^m , normal..... | 100 | 75 |
| > > 400 ^m , normal..... | 150 | 95 |
| Total.... | 550 | 300 |

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação fizeram 200 tiros com o seguinte resultado:

| | Disp. | Acert. |
|--|-------|--------|
| Alvo a 100 ^m , normal..... | 10 | 8 |
| > > 200 ^m , fig. de joelhos.... | 60 | 23 |
| > > 300 ^m , circular..... | 20 | 12 |
| > > 300 ^m , normal..... | 60 | 46 |
| > > 400 ^m , normal..... | 50 | 31 |
| Total.... | 200 | 120 |

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta associação fizeram 130 tiros com o seguinte resultado:

| | Disp. | Acert. |
|--|-------|--------|
| Alvo a 100 ^m , normal..... | 10 | 8 |
| > > 200 ^m , fig. de joelhos.... | 30 | 13 |
| > > 300 ^m , circular..... | 40 | 21 |
| > > 300 ^m , normal..... | 10 | 4 |
| > > 400 ^m , normal..... | 40 | 32 |
| Total.... | 130 | 78 |

Nos atiradores d'esta associação entra o sr. Gil Portocarrero, que fez 60 tiros empregando 40 balas e que tambem é socio da primeira associação.

O sr. tenente José Pires, no alvo a 400^m, empregou 8 balas em 10 tiros.

O sr. Emilio Kesselring, no alvo a 400^m, empregou 7 balas em 10 tiros no alvo circular a 300^m, empregou 8 em 10 tiros.

O sr. R. Rogenmozer, no alvo circular a 300^m, em 10 tiros empregou 8 balas.

Estes dois distinctos atiradores pertenceu ao grupo *Suisso* e á Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

Os grupos *Patria*, *Atheneu* e *Suisso* estiveram representados por alguns dos seus socios.

Matriculou-se de novo na carreira o sr. Antonio Bernardo da Silva, de 34 annos, natural de Lisboa e empregado no commercio.

O ALCE

EM 1889, foram mortos na Noruega, 850 alces, entre os quaes havia 515 machos e 335 fêmeas. Trudhjem forneceu 303 alces, sendo 207 machos, isto é mais de dois terços de machos que de fêmeas.

Durante o mesmo anno, 468 rennas selvagens foram abattidas nas onze provincias do reino.

Foi Romsdale quem forneceu mais rennas, tendo sido mortos n'este territorio 143 d'estes animaes.

O que se ignora geralmente é que os alces e as rennas cacm principalmente sob as balas dos viajantes inglezes, que pagam ao governo norueguez o imposto de 200 corôas (cerca de 56\$000 réis) para caçar nas terras do Estado.

Estes nemrods britannicos fazem-se acompanhar por caçadores do paiz, que recebem de seu chefe uma retribuição ou salario quotidiano que varia entre 800 réis 1\$200 réis,

Admitte-se que um alce vale 27\$000 e uma renna 11\$000 réis, o que dá aos alces mortos em 1889 o valor total de cerca de 24.000\$000 réis e ás rennas o de 5.000\$000 réis proxivamente.

Quando esta caça que de dia para dia se vae tornando mais rara tiver desapparecido da Noruega, graças ás carabinas d'Albion, os inglezes, que encheriam as suas bolsas de caça com todos os animaes, irão caçar para as planicies da Laponia, ultimo refugio da renna e do alce.

O alce, caçado por esta forma, terá desapparecido da Noruega antes de meio seculo.

E' um animal soberbo e orgulhoso, ostentando com selvatica magestade a sua

admiravel corôa. A sua enorme estatura mede ás vezes dois metros de altura nas robustas espadoas. O seu prodigioso vigor eguala a belleza do imponente porte.

Nos campos de neve e de gelo, o seu passo é tão rapido, tão leve, que desafia a velocidade do melhor cavallo.

O chifre é mortifero, a pata temivel, a massa irresistivel. E' feito para triumphar dos adversarios mais encarniçados assim como das neves mais terriveis.

Tem dois inimigos: a fera e o homem. Na força dos invernos rigorosos, o alce não tem medo nem corre perigo.

Como poderiam attingil-o n'essas planicies de gelo profundo e espelhado onde mais parece voar do que correr?

Para elle o solo, para elle o espaço!

Surge, chega, passa, desaparece; uma visão, uma vertigem, um deslumbramento.

Mal o viram; o vestigio das pégadas quasi não fica marcado sobre a neve tão dura como granito.

O inverno é a sua salvação e a sua liberdade.

Mas quando o tempo se torna mais suave sob os raios ephemeros d'um sol improvisado, a crusta de gelo abate sob o peso do alce que a cada momento mais se afunda.

Como poderiam combatel-o sobre este campo de batalha que lhe escapa, o trahe, o prende e o faz captivo?

Não está alli á mercê dos seus inimigos e como prisioneiro na immensidade?

Chega então o inimigo, ávido e cruel, esfaimado da sua carne, alterado do seu sangue; vem então o lobo que, sem se importar com o perigo dos poderosos chifres e as terriveis patas do alce, o dilacera com as presas pondo-o a escorrer em sangue e o soberbo animal espira sobre a neve avermelhada, estendendo as hastes magnificas, que se elevam sempre direitas e orgulhosas para o céu.

Corre então o norueguez ou o laponio, armado com o seu laço, que manobra com a habilidade d'um indio, cobiçando para a familia um banquete abundante e raro.

Chega então o caçador inglez, pressuroso por arrecadar o dinheiro gasto nas excursões cynegeticas, fazendo fogo sem grande honra sobre o nobre animal prisioneiro das neves.

O lombo, mandado para Londres, a alguma lady de compridos dentes, será servido com pompa, e os chifres, ornamentados com inscripção pomposa, irão decorar o vestibulo d'algum *cottage* inglez.

Tantos perigos fizeram reflectir o alce; de modo que quando chega o desmoronar dos gelos, guiado por admiravel instincto este engenhoso animal constroe um retiro maravilhoso.

Esta habil fortaleza consiste em um vasto espaço de terreno onde a neve, battida por pressão continua, forma uma dura e resistente superficie. Sobre este solo, o alce pode ir e vir impunemente, viver com toda a segurança, arrostar com os seus inimigos.

Este campo intrincheirado do alce não é uniformemente nivelado.

E' uma especie de rede composta de caminhos estrategicos e passagens abrigadas onde o animal se sente livre e senhor de si.

Assim, a confiança que saborêa n'este retiro é tão grande que não deixa nunca este castello forte da familia e da tribu, que ás vezes tem cinco kilometros de diametro.

Todas as feras dos paizes boreaes se juntam, ávidas e palpitantes ao redor da admiravel fortaleza, de que fariam bella

dispensa se lhes fosse possível assaltal-a.

Mas esta fortaleza de neve, solidificada e artisticamente construída, que faria honra aos calculos d'um Vauban, é para as fêras que a cercam uma especie de Chanaan onde não entrarão nunca.

Parece que na Lithuania, o seu ultimo refugio, os aurochs, boi gigante e selvagem, supposto antepassado do nosso boi domestico, são ainda mais maltratados do que o alce na Noruega e na Laponia.

No tempo dos gaulezes, viam-se frequentemente aurochs nas margens do Sena e do Loire, nos espessos bosques que bordavam o Rhodano, o Mosa e o Rheno.

Ainda espalhado pela Alemanha na idade média, o aurochs não se encontra hoje senão nas mais profundas e densas florestas da Lithuania.

De dia para dia o seu dominio va diminuído e recua adeante da charrua e das balas.

No entanto era solido e orgulhoso animal este gigante dos bosques.

Depois do rhinoceronte e do elephant, o mais alto e o mais largo logar pertence ao aurochs.

O macho chega a ter seis pés d'altura e dez de cumprimento. O pello é uma especie de lã; tem a testa saliente e dura como uma bigorna e capaz de bater como um malho. As pontas mortíferas, grossas e redondas, são irresistíveis. O enorme pescoço tem crina espessa de singular aspecto; barba pendente e cumprida fluctua ao vento impetuoso dos montes e o olhar feroz parece desafiar a natureza que o condemnou a morrer.

Batendo com o pé de bronze o solo das florestas dir-se-ia que pensa, na sua cabeça de gigante: «E' aqui que devo acabar!» E', com effeito, n'esta estação suprema que se extinguirá esta raça.

Caçado sem tregoa nem piedade, o aurochs desaparecerá n'esse abysmo das edades d'onde se não sae nunca.

Alce soberbo, aurochs magestoso, animaes gigantes e poderosos, admiravelmente armados para a batalha da vida, os campos e os bosques, as planícies e os montes, o mundo finalmente pareciam pertencer-lhes e em breve elles não pertencerão a este mundo. FULBERT-DUMONTEIL.

Caçadas ás lebres em barco

O n.º 90 do *Tiro Civil* dá noticia d'uma caçada aos coelhos em barco.

Não é, porém, só em França que se tem feito caçadas em barco.

Em 1895, também se fizeram em Portugal caçadas em barco. ás lebres nas Lezírias do Tejo.

A grande cheia do Tejo, em janeiro ou fevereiro de 1895 arrombou os vallados de defeza das Lezírias e entrou n'ellas.

Á medida que as aguas foram cobrindo os campos, as lebres foram fugindo adeante d'ellas para os pastos mais elevados, e a maior parte d'ellas fugiram para os vallados, que, cortados pelas aguas, emergiam d'ellas formando ilhas.

Então caçadores de *emprestimo* ou mais propriamente *magarefes*, dirigiram-se em barcos a estas ilhas a matarem a cacete as lebres que ali se tinham refugiado.

Para que nenhuma lebre lhes escapasse, levavam também um cão que se atirava á agua para agarrar as lebres, que, não tendo outro refugio, se lançavam á nado.

A mim contou-me o *Maneta*, guarda no Conchoro, que no vallado, proximo da *pousada*, tinha morto dezeseite lebres a cacete.

Censurando-o por ter morto aquellas le-

bres, justificou-se dizendo que se elle as não tivesse morto, seriam mortas pelos *magarefes* de Azambuja, que as foram procurar ao mesmo vallado no dia seguinte áquelle em que elle as tinha morto.

Contaram-me n'essa occasião que muitas outras carnificinas de lebres tinham sido então feitas. Um *magarefe* dos Oliveas matou 18 e tenho noticia de mais 14 mortas por outro e 11 por outro, além de muitos outros *magarefes* que mataram ás 2 e ás 3.

Talvez que, durante os dois dias da cheia, não fossem caçadas em barco menos de 150 lebres.

Uma verdadeira carnificina. NEMROD.

DUAS PALAVRAS

Meus caros amigos

COM o mesmo titulo que hoje emprego lhes mandei uns gafafunhos para o seu jornal e deram-lhes cabimento no numero de 17 do finado mez de dezembro do fallecido anno de 1896, que deixou recordações agradaveis para uns e desagradaveis para outros, mas a consolação de que estaremos livres dos bissextos pelo espaço de 8 annos, pois só o de 1904 terá o dia 29 de fevereiro e quem me dera lá chegar, no que tenho as minhas duvidas.

Apertado pelo frio, que tem sido de arripiar as carnes, e me tem feito esperar ansioso pelos celebres *pós de maio*, que me curem as frieiras, escrevi *Humberto* como *m* e accrescentei que tinha visto tirarem o *m* ao santo sem saber a rasão d'essa comedella. E fallava com franqueza, não sei porque empregam esta orthographia que me parece contraria á indole da nossa lingua e que me cheira a francez que trezanda.

Mas em que arriosa eu me metti, Deus da minha alma. E como heide sair d'ella?

Está-me parecendo que fico n'uma camisa de onze varas, com umas calças pardas e a côr do burro quando foge. Que linda figura me arranjaram, me arranjaram não que fui eu o culpado, o infeliz, o desventurado.

Ainda se eu estivesse na cidade, ia á bibliotheca publica, pedia quatro ou cinco dictionarios, lia duas cousas e catrapuz... atirava-me ao sr. Baptista de Sá que anda a baptisar creanças com o nome de *Humbertos*, o que afinal não admira sendo Baptista, e pessoa que não quer deixar o seu credito por mãos alheias, nem consentir que os priores das freguezias lhe façam ninhos atrás das orelhas.

Mas aqui, n'uma pobre aldeola, rodeado de gallinhas, patos e coelhos, a recomendar ao rapaz do cazeiro que não se esqueça de ir buscar lenha para o brazeiro e comida para a passarada, com dois jornaes politicos para lér todos os dias e saber o que se passa na côrte e no solar, que escancarou as suas portas, vejo-me e desejo-me para arranjar argumentos com que possa, ao menos, fazer uma figura assim e não levar uma tareia do sr. Baptista de Sá que está certamente com a penna aguçada para me replicar e vêr se consegue, visto estar morta a questão das codornizes, arranjar uma contenda que tenha por base os *m m* a mais ou a menos com que cada um escreve os santos da sua devoção, ou atira para os recenseamentos com os filhos das comadres.

Eu é que já não sou capaz de me meter n'uma empresa d'essas; a vontade é boa, mas... o que lá va, lá va, não fallamos em cousas tristes e vamos aos *m m*.

Diz o sr. Baptista que houve um Hum-

berto nascido em 1312, que succedeu ao mano em 1533, mas que não chegou a santo; quem sabe se foi insidia, talvez o homemsinho tivesse merecimentos para santo e a politica da terra lhe pregasse a peça de não consentir que o canonisassem. Mas isso não faz ao caso, porque o Humberto que deve citar-se não é o do sr. Sá, mas o Humberto I que morreu em 1307 foi habil politico, celebrando um tratado com Philippe, o Bello, e foi afinal morrer n'um convento. O do sr. Baptista foi um patetola e especialmente um perdulario que estragou tudo quanto tinha e ainda o que não tinha.

Ha muitos caçadores que poderiam fazer d'elle o seu patrono que não iam mal.

Mas o caso é que *Saint-Hubert* era o apostolo das *Ardenues* (e não traduzo o nome do santo nem tão pouco o da floresta porque, quando se traduzem nomes proprios em geral sae disparate). O *Saint-Hubert* morreu no anno 727 da nossa era em Tervueren, no Brabante; foi bispo de Maestricht, isso lá é verdade, e converteu ao catholicismo muitos pagãos da celebre floresta das Ardenues e d'ahi o chamarem-lhe apostolo.

A origem do culto dos caçadores por este santo não se sabe bem em que é fundada, porque o prelado creio que não perdia tempo em caçar codornizes... (perdão as codornizes morreram todas o anno passado), mas o certo é que é muito antiga e devida, segundo contam, a uma peregrinação originada pela trasladação do cadaver do bispo feita pelos monges de Audain no anno 817, mas os caçadores só muito mais tarde, no século X, é que fizeram d'elle o seu patrono, pondo de parte o S. Martinho, a que deram outra applicação e o S. Germano que também merecia os respeito e as deferencias dos que andam por montes e vales atraz das codor... atraz das perdizes, dando occasião a que enriqueçam os fabricantes de polvora e chumbo.

Mas é Huberto ou Humberto na lingua luzitana? Ahi é que são ellas.

Que em francez ha *Hubert* e *Humbert* d'isso me lembro eu de quando andava no collegio, do Cicouro por tal signal, onde se apprendiam humanidades a valer e um pouco de historia.

Foi o que me valeu n'esta afflicção e...

Ah! sr. Sá, esta agora é que me deitou a caixa em terra. Entra-me pela porta dentro o professor cá da aldeia, um bom homem que janta commigo de vez em quando, e faz uma perninha ao voltarete, que sabe da arriosa em que estou mettido e tira-me debaixo do capote o dictionario do Roquete e o *Humberto* foi todo devorado ou por elle ou pelo Fonseca e só deixaram o *Huberto*, derivado de *Hubertus*.

Decididamente o que o sr. Sá cita é que é o verdadeiro e estou decidido a convencer o cura cá da terra a comer os *m m* todos quando lhe appareçam rapazes para baptisar.

E eu, vou dar vasilina nas frieiras e dizer ao sr. Baptista de Sá que tenha um anno muito feliz, com muitas venturas, muitas prosperidades e... muitos rapazes para baptisar.

J. P.

P. S. Desculpe o sr. Baptista de Sá aos meus 68 janeiroos o alegre da resposta, mas sempre assim fui e já agora quero morrer sem mudar.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216